


# A rainha do lar e a mulher moderna: análises sobre o "ser mulher" em enciclopédias femininas de 1950 a 1970 e nos cursos de feminilidade contemporâneos.

**Maria Vitória C. Dingueleski**[1]

**RESUMO**
Este trabalho tem como objetivo analisar os papéis sociais atribuídos às mulheres entre o final da década de 1950 e meados de 1970, utilizando como fontes principais a "Enciclopédia da Mulher", e a "Pequena Enciclopédia Feminina". Observamos um discurso semelhante ao destas enciclopédias nos "cursos de feminilidade" atuais, dentre os quais, apesar da grande variedade, focamos a análise nas divulgações feitas em redes sociais de duas criadoras de conteúdo: Belle Zorzi e a Academia Freya. Com o intuito de investigar como o conservadorismo social avança no país, a pesquisa estabelece comparações e relações entre o conteúdo ideológico das enciclopédias e os cursos contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; comportamento; gênero; antifeminismo; feminilidade;

A emancipação feminina e os direitos conquistados pela mulher vem sendo, atualmente, alvo de ataques de diversos grupos na internet. Tanto grupos de ódio e misoginia, organizações antifeministas, quanto movimentos saudosistas que defendem que a verdadeira essência feminina se perdeu em meio a "modernidade". Grande parte desses discursos recorrem a uma imagem da mulher tal qual se tem na família nuclear: rainha do lar, dona de casa, mãe e esposa, primordialmente.

Grande parte dessa "nostalgia" existe voltada para a primeira metade do século XX, com apelos à questão estética, ao que era a cultura, e, sobretudo, o que significava ser mulher. Atualmente, esses movimentos surgem (e se autopromovem), portanto, também como uma reação de contracultura, de resistência à "cultura do empoderamento feminino", se difundindo em subculturas menores, como, por exemplo, as *tradwifes*[2]. Com o advento da internet, e o fácil acesso e reprodução desse tipo de conteúdo, o tema ganha mais relevância pois parte desse tipo do que é produzido pode parecer, ainda, inocente e "neutro" — mesmo contendo grande conteúdo ideológico. Para a produção do trabalho, foi feita uma análise com base na categoria gênero criada por Joan Scott, que define que "o gênero é, portanto, um meio

[1] Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: vividingueleski@gmail.com
[2] Solano et al, 2023.

de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana". (Scott, 1992. p. 89). O conceito também é discutido por Ana Maria Colling (2015). Igualmente é utilizado como ferramenta metodológica e análise de conteúdo Laurence Bardin (2005).

Como base do trabalho, foram feitas análises de duas enciclopédias, buscando trazer esses ideais das décadas de 1960/70, e dois cursos de feminilidade online. A primeira parte consiste na "Enciclopédia da Mulher", obra parisiense, produzida em 1957, cuja tradução e publicação seria feita no Brasil apenas em 1961, contendo diversos autores e, em adendo, a "Pequena Enciclopédia Feminina", que tem a mesma origem francesa, mas que foi produzida e trazida para o Brasil no mesmo ano, em 1970, conservando a mesma montagem com diversos autores. Em relação aos cursos online, focamos na análise de divulgações de dois cursos de feminilidade: da criadora de conteúdo Belle Zorzi, e da Academia Freya; ambas tiveram os conteúdos analisados do período de 2 de Abril até 8 de Outubro de 2024, no *TikTok*, *Instagram* e sites próprios.

As enciclopédias da mulher, como tantas outras desse período, herdam um caráter conservador da década de 1950, com uma clara distinção entre os papéis de gênero[3]. Em adendo a isto, trazem, também, a dualidade de ser a rainha do lar, a pessoa que cuida e, por natureza, é amorosa e, ao mesmo tempo, pode ter uma vida social mais ampla, envolvendo trabalho, direitos e perspectivas outras. Ambas tem uma divisão de conteúdos bastante parecida, com mudanças na proporção e profundidade que cada tema é abordado, mas de modo geral, se pode definir em: beleza e cuidados pessoais, cuidados com o lar, crianças e cozinha, *hobbies* e atividades culturais e mundo do trabalho/vida social.

Na primeira enciclopédia, a Enciclopédia da Mulher, em um volume com pouco mais de 300 páginas, o que se vê é um conteúdo primordialmente voltado para o lar. Voltado para as mulheres modernas do início dos anos 1960, que precisam adaptar suas vidas e obrigações para um mundo em transformação, a enciclopédia é mais do que um guia de curiosidade e entretenimento: tem um caráter educativo e tenta, na medida do possível, trazer soluções para aqueles que seriam os problemas mais recorrentes do mundo feminino. A harmonia do lar, o lugar acolhedor e amoroso, são vistas como as obrigações naturais da mulher.

[3] Pinsky, 2015, p.608

Na Pequena Enciclopédia Feminina, sendo dividida em três volumes, cada um com cerca de 300 páginas, existe um teor ainda de mudança, uma conservação de valores antigos, mas, principalmente, uma influência maior da segunda onda do feminismo e uma normalização da mulher tendo uma vida também fora de casa — e não apenas até se casar, como é a forma que o trabalho é abordado na Enciclopédia da Mulher, mas como mais um aspecto da vida que pode coexistir com outros. O que se mantém, primordialmente, é a formação da família e o manter do modo de vida "natural" dentro do lar. Esta importância da instituição familiar se dava também no contexto político e social da época, onde, no Brasil, a ditadura civil-militar estava instaurada, e o controle da sexualidade era primordial para o controle social[4].

Atualmente, esse debate conservador é muito percebido principalmente na internet. Existe, em grande número, o fenômeno das "bolhas" nas redes sociais, onde cada pessoa visualiza e interage com tipos de conteúdo diferentes, a depender do seu algorítimo. Nas divulgações dos cursos analisados, e também nos comentários dentro desses perfis, o que se percebe são ideias com nuances ideológicas, por vezes não citando diretamente o feminismo ou outros movimentos, mas criticando seus feitos ou defesas; neste sentido, a feminista pode ser tanto a mulher perigosa e subversiva, quanto a "burra" que é bancada pelo pai, ao qual ela é ingrata. Essa vilanização é um fenômeno comum[5].

Com conteúdos voltados para mulheres mais jovens, esses cursos prometem trazer uma melhora não somente na aparência da mulher, mas também na sua espiritualidade, nos relacionamentos, no modo de viver e na sua felicidade. Alguns ideais aqui se fundem a ideias vistas nas enciclopédias, em relação a um autocuidado e higiene básica e cuidado com o lar. O básico, que é vendido como padrão, é a ideia de haver um equilíbrio perfeito entre uma mulher muito feminina e um homem muito masculino, onde, aprender a se tornar uma "mulher de valor", que segue esses conceitos, vai atrair um homem compatível; esses aspectos têm uma associação direta a um conservadorismo, religiosidade e ode a ideia da mulher submissa. Geralmente, esses conteúdos acabam por se misturar e mascarar dentro de outros conteúdos de nicho feminino, que já é produzido nas redes sociais, como vídeos de dicas de beleza e relacionamentos.

---

[4] Quinalha, 2018

[5] Anjos, 2022

Desta forma, o primeiro dos dois conteúdos analisados é o de Belle Zorzi, que tem mais de 143 mil seguidores no *Instagram* e quase 53 mil no *TikTok*. Os valores de seus cursos oferecidos variam entre R$39,90 à R$294,90. Segundo sua biografia na rede social da Meta: “Minha missão é fazer você se amar e se sentir mais amada. Lapidando sua versão + feminina, segura e valorizada”[6].

Um dos principais pontos defendidos por Belle, é justamente o equilíbrio do feminino e do masculino dentro da mulher; existe uma associação do que é feminino com uma noção de irracionalidade e um caráter emocional muito forte. O fato de, para evitar que a mulher acabe por se tornar quase uma “inútil”, nesse ponto de vista, necessário justamente fazer uso da energia masculina, que se caracteriza como o contrário de energia feminina. (Zorzi, Belle. Instagram: @bellezorzi. 10/10/24)[7]

Tendo promessas parecidas, os cursos da Academia Freya se divulgam de forma diferente: também com site próprio e perfil com vídeos no *TikTok*, no *Instagram* há apenas com nove publicações, respondendo a dúvidas básicas acerca de seu conteúdo. Autojustifica sua importância enquanto critica a sociedade atual, a forma como as mulheres foram emancipadas e hoje em dia “dizem que não precisam de homem para nada”. Seu valor, mensalmente, custa entre R$ 59,90 e R$99,90.

O julgamento de valor da mulher aqui se baseia tanto em tornar a personalidade calma e meiga, mas também não colocar a carreira/dinheiro em primeiro lugar, impondo uma visão estreita sobre o que significa ser a mulher realizada que é vendida como alcançável, com o curso. (“O que é a Academia Freya?” Instagram: @academiafreya_ 03/04/22).[8]

Apesar de terem diferenças pontuais entre si, tanto o conteúdo produzido por Belle Zorzi quanto pela Academia Freya, conservam o mesmo padrão e as mesmas ideias defendidas; isso, além de serem conteúdos atuais, parte da história do tempo presente, e que neste momento estão se renovando, aumentando o público e expandindo suas ideias — mesmo que os cursos não sejam comprados, pois apenas as divulgações mantém viva a ideia de padronização do que é ser mulher, e, assim, criam a necessidade de uma aceitação e inclusão nesses grupos que são criados.

---

[6] Zorzi, Belle. Instagram: @bellezorzi

[7] Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C8-aaaJRjp9/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA>

[8] Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cb5N6XROaUX/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA>




A ideia central dos materiais, de manter, buscar e realçar uma feminilidade natural, se baseiam, dessa forma, nos mesmos preceitos: a mulher nasce feminina, está intrínseco a ela, da mesma forma como os interesses naturais a partir do gênero virão a surgir. A negação de um gênero construído socialmente é, igualmente, característica em comum. Podemos observar um padrão nos conteúdos produzidos tanto nas Enciclopédias quanto nos cursos/divulgações: o que é ser mulher, como se vestir, como agir, como ter um relacionamento, como passar o tempo e o que consumir. A ideia de ser mulher em ambos é vendida como um apelo a esse caráter feminino preexistente. Ambos se tornam quase complementares também, no sentido de que as enciclopédias são feitas para um público feminino moderno, que, apesar de querer se aventurar no mundo moderno, ainda tem conceitos tradicionais, e os cursos são produzidos para um público atual que está "preso" na modernidade e quer se reencontrar no tradicional.

A promessa de uma felicidade duradoura, tendo como base um apego ao conservadorismo e a ideia da mulher como um ser frágil, passível de proteção, e com grandes inclinações à meiguice e ao cuidado, cria um padrão — mesmo que sem base, além de uma pseudociência — que não engloba democraticamente todas as vivências, experiências, gostos e personalidades das mulheres no Brasil, tornando a felicidade um produto a ser comprado, um padrão a ser atingido com um único molde preexistente aceitável.

**Referências bibliográficas:**

ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani dos. "As garras do feminismo": discurso de ódio antifeminista no Facebook eo senso de urgência controlada. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 45, p. e2022119, 2022

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**; tradução. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro, 2006.

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 1, p. 112–148, 2005. Disponível em:<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682>




BERALDO, Beatriz. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. In: **Congresso Internacional Comunicação e Consumo**. 2014. p.1-15.

BRUNELLI, Anna Flora. Mais razão e menos emoção: o discurso de autoajuda para mulheres. Revista Estudos Feministas, v. 26, p. e49400, 2018.

BRUNELLI, Anna Flora. Mais razão e menos emoção: o discurso de autoajuda para mulheres. Revista Estudos Feministas, v. 26, p. e49400, 2018.

CRUZ, M. H. S., & Dias, A. F. (2015). ANTIFEMINISMO. Revista De Estudos De Cultura, 1(01). https://doi.org/10.32748/revec.v0i01.3651

DINGUELESKI, M. **A mulher moderna representada em Enciclopédias Femininas das décadas de 1950 e 1970 e sua similaridade com o discurso de cursos de feminilidade atuais.** Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2024.

ENCICLOPÉDIA da Mulher, São Paulo: **Editora Globo**, 1961.

Freya, Academia. Instagram: @academiafreya_ Disponível em: <https://www.instagram.com/academiafreya_?igsh=MTdvcXRkY3lkcDVsbQ== >

PEQUENA Enciclopédia Feminina, Rio de Janeiro: **Editora Delta**, 1970.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. **Editora Contexto**, 2015.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. História do movimento LGBT no Brasil. São Paulo: **Alameda**, p. 15-38, 2018.

ROSSI, Túlio Cunha. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, v. 29, p. 234-255, 2017.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila; SENDRETTI, Lilian. MULHERES DE EXTREMA DIREITA: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. **Caderno CRH**, v. 36, p. e023040, 2023.

Zorzi, Belle. TikTok: @bellezorzi. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@bellezorzi?_t=ZM-8ua2EZDnFR9&_r=1>

Zorzi, Belle. Instagram: @bellezorzi. Disponível em: <https://www.instagram.com/bellezorzi?igsh=amY3a2RueG90dnl1>